

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 05
26 de outubro de 2022



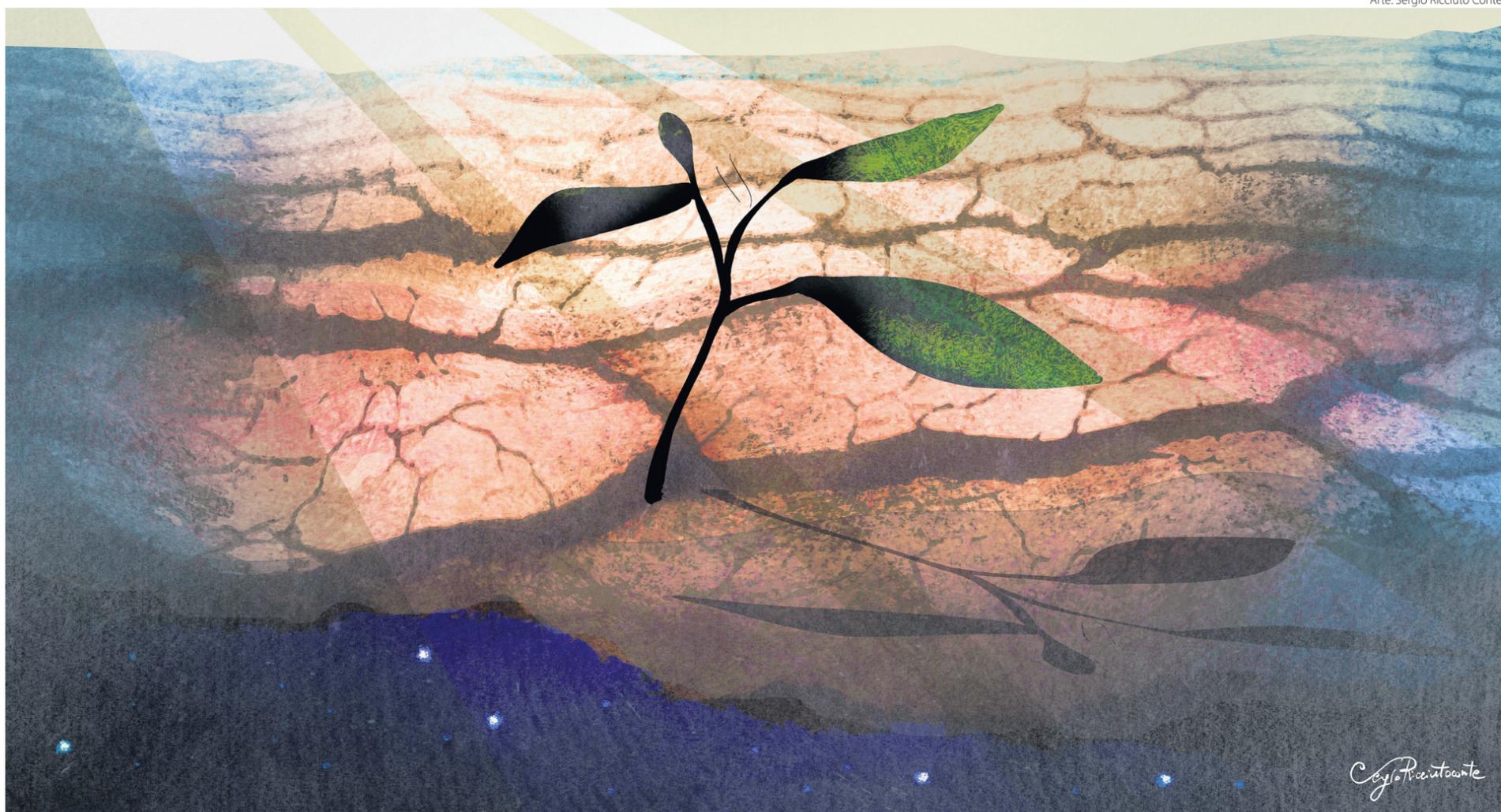
Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

Arte: Sergio Ricciuto Conte



O tempo da morte e o tempo dos vivos

Núcleo Fé e Cultura

A morte é um grande espelho da vida. Diante dela, intuímos a grandeza e a miséria de nosso ser, a força e a futilidade de nossas pretensões éticas. Mas, do mesmo modo, a vida é um grande espelho da morte. Olhando para nossa vida, intuímos – de forma acertada ou não – o que será nossa própria morte. A partir da morte, compreendemos melhor o sentido da vida; mas é a partir da experiência da vida que nos lançamos no desafio de compreender a morte.

O tempo da morte não pode ser evitado. Acompanha a todo vivente, espreitando-o nas sombras de cada afeto, de cada vínculo com o real. Quanto mais tentamos reduzi-lo ou afastá-lo, mais retorna e cresce, transmutado em tempo do nada, do vazio e da falta de sentido.

Um dos grandes pensadores franceses convertidos ao catolicismo no século XX, Olivier Clément, conta que na família de seus avós paternos, socialistas ateus, os moribundos eram levados para morrer em casa e velava-se os mortos numa vigília “quase insuportável, diante do nada” (*L'autre soleil*, Paris: Edições Stock, 1975). Neste rito fúnebre aparentemente sem sentido, sem o consolo da esperança da vida eterna, se conservava, segundo o autor, a certeza de que aquele morto fora um indivíduo único, que a sua vida havia sido única. Clément lembra ainda que, quando pequeno, perguntou a seu pai – um professor ateu – por que se vive e por que se morre. E este lhe respondeu: “Quando se morre, é o nada. Mas mesmo assim, precisamos procurar ser bons e justos” – e a criança intuiu, pela primeira vez,

que deveria existir mais alguma coisa, para que o bem e a justiça fizessem sentido.

Tudo que existe está fadado a deixar de ser. Para não enfrentarmos esta dolorosa realidade, temos que – de algum modo – esquecer a própria natureza das coisas. A alternativa à convivência com a morte é a mutilação do real, sua transformação em ilusão que leva, em última instância, não à vida plena, mas ao nada, como afirmavam os adultos que cercavam o pequeno Olivier Clément.

Não é sábio fixar-se na ideia da morte, deixar a vida consumir-se no medo do fim último. Não se pode deixar de viver o presente, com sua beleza e riqueza, miséria e dor, em função da expectativa de um incerto porvir. Porém, o sentido, a meta, é um elemento inerente ao próprio presente. O amanhã de qualquer coisa já começa a se apresentar no seu hoje. Por isso, a reflexão que procura encontrar o justo lugar da morte no conjunto da realidade é indispensável, e o esforço voluntarista de anular o futuro em razão do presente é vão – mesmo que feito com todo o conhecimento e toda a sagacidade filosófica.

Nossa vida social se passa no tempo profano, mas o tempo da morte é o tempo do *fanum*, da manifestação do mistério. As sociedades podem criar ou censurar as manifestações rituais e artísticas que as ligam ao mistério presente na realidade. As hierofanias – enquanto fenômenos culturais pelos quais o sagrado se manifesta – podem ser controladas pelo poder e pela vontade. Entretanto, a hiero-

fania que acontece no tempo da morte não pode ser evitada, mas apenas ocultada ou “esquecida” – para retornar, soberana e impiedosa, como tempo do nada, do vazio e da falta de sentido, que se espalha por toda parte, como o líquido que se esvai de uma garrafa quebrada.

Por um momento, que pode ser um instante fugidivo em meio às atribuições inevitáveis que cercam a morte de um conhecido, ou o longo tempo do luto que se segue àquela perda considerada irreparável, a morte abre nossos olhos para o mistério da vida. O véu do templo se rasga e o enlutado, ainda aparentemente entre os outros, ainda aparentemente caminhando na banalidade do mundo, se desloca para o *fanum*, para o espaço sagrado onde toda a realidade se mostra tal como é.

As celebrações do Dia de Finados são um tempo propício para refletirmos sobre o sentido cristão da morte, recuperarmos positivamente tanto as lembranças e os afetos de nossos mortos quanto uma alegre esperança por nossa comunhão definitiva nos braços do Pai.

Para ajudar nessa tarefa, trazemos uma homilia do Papa Francisco e uma reflexão de nossa colaboradora monja camaldulense. Além disso, agradecemos a *Communio*, revista de Teologia e Cultura, que nos permitiu a publicação de dois trechos de artigos de uma edição internacional sobre a morte, editada em 2012. Por fim, o professor Rafael Ruiz nos indica um filme belo e sensível, que narra a experiência de uma criança diante do mistério da morte.

Uma reflexão de Finados do Papa Francisco

Núcleo Fé e Cultura

Jó estava na escuridão. Estava exatamente na porta da morte. E naquele momento de angústia, de dor e de sofrimento, Jó proclama a esperança. “Eu sei: o meu Redentor está vivo e aparecerá, finalmente, sobre o pó da terra... Eu mesmo o contemplarei, os meus olhos vê-lo-ão, e não os olhos de outro...” (Jó 19, 25-27). A comemoração dos finados tem este significado duplo. Um sentido de tristeza: o cemitério é triste, pois recorda-nos de nossos entes queridos que já partiram; mas lembra-nos também do futuro, da morte; no entanto, com esta tristeza nós trazemos flores, como sinal de esperança e inclusive, posso dizer, de festa, mas depois, não agora. E a tristeza, amalgama-se com a esperança. E é isto que todos nós sentimos hoje, nesta celebração: a memória dos nossos entes queridos, diante dos seus despojos, e a esperança.

Sentimos também que esta esperança nos ajuda, porque nós devemos percorrer este caminho. Todos nós trilharemos esta vereda. Mais cedo ou mais tarde, mas todos! Com dor, mais ou menos dor, mas todos! No entanto,

O texto a seguir é a **homilia** proferida pelo Papa Francisco na Missa de Finados, no Cemitério Prima Porta (Roma), em 2016

com a flor da esperança, com aquele fio forte que está ancorado no além. Eis a âncora que não desengana: a esperança da ressurreição.

E quem percorreu primeiro este caminho foi Jesus. Nós trilhamos a vereda que Ele já percorreu. E quem

nos abriu a porta foi Ele mesmo, Jesus: com a sua Cruz, abriu-nos a porta da esperança, descerrou-nos a porta para entrar no lugar onde contemplaremos Deus. “Eu sei: o meu Redentor está vivo e aparecerá, finalmente, sobre o pó da terra... Eu mes-

mo o contemplarei, os meus olhos vê-lo-ão, e não os olhos de outro...”

Hoje, voltemos para casa com esta dúplice memória: a memória do passado, dos nossos entes queridos que já se foram; e a memória do porvir, do caminho que nós havemos de percorrer. Com a certeza, a segurança; aquela certeza que saiu dos lábios de Jesus: “Eu ressuscité-lo-ei no último dia” (Jo 6, 40).



Cemitério da Desolação em Guise, França

Apressemo-nos para amar

De uma monja beneditina camaldolense

Quem de nós não foi obrigado pela vida a se curvar diante do caixão de uma pessoa amada? Tivemos que cumprimentar pais, avós, filhos com um último gesto de amor.... A morte tirou de nossas vidas pessoas quando menos esperávamos... Tirou-as por vezes depois de uma longa doença ou de uma velhice difícil, mas outras vezes também de repente, por acidente ou infarto... Vem com gritos altos ou em silêncio total... Ó morte! Quanto dói, quanta divisão traz entre amigos, quantas separações dolorosas nas famílias! Restam apenas o vazio, o silêncio, as lágrimas... E a pergunta: por quê?

Com a morte, a vida cessa, mas não a existência. O corpo volta à terra, mas a alma volta ao Pai, à sua morada no Céu, volta ao Amor. A morte, então, essa rainha cruel, pode se tornar Irmã Morte como São Francisco a chamava. Foi Cristo quem nos deu a esperança, a única força capaz de enfrentar o luto porque nos abre à ressurreição. Com sua morte, Ele venceu a nossa morte e nos precedeu na ressurreição dos mortos.

Para nós que confiamos Nele, uma grande luz e uma grande força se abrem ao amor. Elas nos impelem a se apressar a amar as pessoas que temos ao nosso lado no nosso cotidiano: pais, filhos, avós, marido, mulher... Caso contrário, só teremos as lembranças e os remorsos de gestos inacabados,

*Apressemo-nos para amar, as pessoas se vão tão cedo,
delas restam apenas um par de sapatos e um telefone mudo.
Só o fútil se arrasta pesadamente,
o essencial é tão rápido que acontece de improviso
e logo um silêncio normal e, portanto, insuportável,
como a castidade nascida simplesmente do desespero
quando pensamos em alguém depois de tê-lo perdido.*

*Não tenhas certeza de que tens tempo, a segurança é insegura,
tira nossa sensibilidade como qualquer fortuna,
chega simultaneamente como o pathos e o humor,
como duas paixões uma mais débil que outra
que se vão tão rápido como cala o sabiá em julho,
como um som um pouco estranho ou uma reverência seca.*

*Para se ver de verdade, fecham-se os olhos.
Se bem que é mais arriscado nascer do que morrer,
amamos sempre pouco e demasiado tarde.
Não escrevas sobre isso com frequência,
mas de uma vez por todas
e serás como um delfim bondoso e forte.*

*Apressemo-nos para amar, as pessoas se vão tão rápido
e aqueles que não se vão, nem sempre retornam
e ao falar do amor nunca se sabe se o primeiro
é o último ou o último, o primeiro.*

(Jan Twardowski*, *Apressemo-nos a amar*)

palavras não ditas ou ditas mal... As pessoas vão-se sempre muito cedo. Não temos tempo e estamos sempre atrasados com o amor. A segurança de ter tempo tira nossa sensibilidade ao dom diário e silencioso de nossos entes queridos. Temos a certeza de encontrá-los amanhã, dentro de uma hora... Nós os tratamos como se fossem nossos... Temos certeza de que os temos – e nossos gestos, nossas ações, nossas palavras ficam desprovidas daquela incerteza e delicadeza dos amantes quando gozam e ficam maravilhados com a presença do outro. Amantes que aproveitam cada momento para agradecer um ao outro, para se contemplar reciprocamente.

São necessárias a humildade e a simplicidade de coração para reconhecer que cada pessoa por quem experimentamos afeto e amor é dom que o Senhor nos dá. Peçamos ao Senhor a graça de poder aceitar como seu dom o nos surpreendermos amando alguém, e viver nossos afetos com reverência, respeito e verdadeira doação de si.

Seria muito bom que, ao nos colocarmos diante do caixão, só pudessemos agradecer os momentos maravilhosos que passamos juntos e deixar nosso ente querido partir em paz para o Amor. Seria muito bom poder dizer aos nossos falecidos: agradeço-vos porque nos amamos.

* Jan Twardowski (1915 – 2006) foi um poeta e padre católico, considerado o principal representante polonês da literatura religiosa contemporânea. Escreveu poemas curtos e simples, bem-humorados, que geralmente incluíam coloquialismos, unindo observações da natureza com reflexões filosóficas

O realismo humano e o sentido cristão da morte*

Adrian J. Walker**

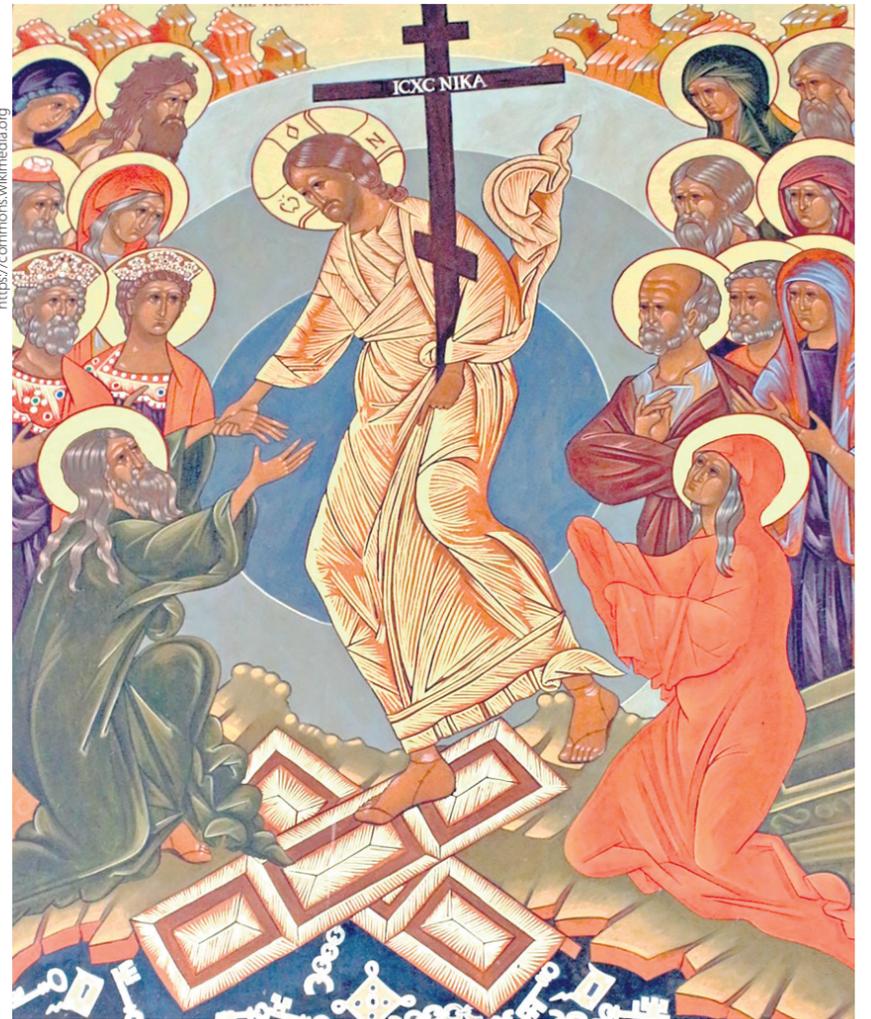
Nossas sociedades secularizadas tentam evitar a morte, de um modo (só aparentemente) contraditório, tentando fugir dela (como na obstinação terapêutica, que, visando salvar um paciente terminal, submete-o a grandes sofrimentos) ou mesmo procurando-a (como na eutanásia). Nesse contexto, como podemos contribuir para recuperar o “sentido cristão da morte”? Como redescobrir o sentido positivo da morte (e do sacrifício) e assim restituir “as razões da nossa esperança”, a alegria que deve determinar a atmosfera geral com que tratamos este tema?

O significado cristão da morte é caracterizado por dois aspectos distintos, mas bastante complementares. Em primeiro lugar, o cristão deve ser capaz de aceitar a morte que a vontade divina decide para ele. Essa aceitação, distante de qualquer fuga irracional, tentação suicida ou glorificação indevida, consiste em desejar, por amor de Deus, o que, visto abstratamente, não é desejável em si. A morte, sem deixar de ser uma provação radical, adquire um sentido positivo à luz da vontade divina, que é dom, permitindo-nos distinguir claramente entre o medo natural e a covardia irracional diante dela (e, conseqüentemente, entre a verdadeira coragem e a mera temeridade).

A aceitação cristã da morte representa o único realismo consistente

diante dela. Salva e aperfeiçoa aquela sabedoria pagã que sempre compreendeu que, apesar da vida ser um grande bem, não se pode querer estender sua duração a todo custo. O cristão reconhece que aquilo que conta na vida não é sua quantidade nem o que comumente se chama de sua “qualidade” (medida segundo um cálculo hedonista), mas a forma pela qual ela se realiza – e essa realização implica sacrifício, cujo valor positivo deve ser sublinhado. Não se pode reduzir a recuperação do sentido positivo da morte a uma espécie de utopia burguesa, incapaz de perceber a fecundidade do sacrifício.

A fé cristã faz plena justiça a tudo que um saudável realismo laico é capaz de nos ensinar sobre a morte. Mas essa justiça se faz a partir do segundo aspecto constitutivo do significado cristão da morte, ainda mais fundamental. Certamente, a Ressurreição de Cristo, sua vitória sobre a morte, fundada em seu sacrifício de amor, não nos isenta de nossa morte, mas transforma seu sentido, porque faz da morte a entrada para uma vida propriamente sobrenatural, situada além do fim de nossa existência na terra. Ao mesmo tempo, essa dimensão sobrenatural nos permite viver a morte até o fim como experiência da bondade para conosco, criaturas que dependem de seu Criador.



Ressurreição de Jesus Cristo. Igreja Ortodoxa Russa de São Nicolau, Juneau, Alasca

O significado cristão da morte faz justiça ao realismo humano. Recuperar o natural a partir do sobrenatural: esse é o eixo metodológico. Encontrar a vida na própria morte: esse é o resultado.

* Trecho extraído de «Le sens chrétien de la mort» [in] *Communio*, revue catholique internationale, XXXVII (5), 2012.

** Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), professor de Filosofia e Dogmática na Universidade de St. Patrick, California. É um dos editores de *Communio: International Catholic Review*.

Sete minutos depois da meia-noite

Rafael Ruiz*

Há muitas formas de falar ou não falar sobre a morte. Mas, sem dúvida, uma das formas mais difíceis e mais duras é quando uma criança de 12 anos tem de cuidar da sua mãe com um câncer terminal, porque seu pai divorciou-se e é muito ausente, até porque mora num outro continente.

Para enfrentar os seus medos, as suas angústias e o profundo dilaceramento interior que sente entre o desejo de que sua mãe se cure e a quase certeza de que não se curará, Conor se refugia nos desenhos e nas histórias que conta para uma velha árvore. Acontece que, talvez mais como um sonho ou pesadelo, essa mesma árvore transforma-se num monstro que, regularmente, sete minutos depois da meia noite, virá visitá-lo e guiá-lo nesse caminho de dor e de sofrimento para que não se desespere. O Monstro contará três histórias e, como um desafio, sempre sete minutos depois da meia noite, avisa que, depois da terceira história, Conor terá de contar o seu próprio conto.

Não estamos mais acostumados a experimentar o poder revelador e transformador das histórias. A verdade, mais ainda, a verdade sobre nós mesmos, sobre quem somos e o que a

vida espera de nós, não é uma verdade cartesiana, não é algo que se entende depois de uma análise profunda, não. Essa verdade que atinge o mais íntimo de cada um de nós e da nossa própria história se nos revela, se nos manifesta. Como os gregos diziam, é uma *aletheia*. Um desvelamento, uma epifania que nos faz cair em nós próprios e dizer, a partir daí, com profunda convicção: É isso! É isso mesmo!

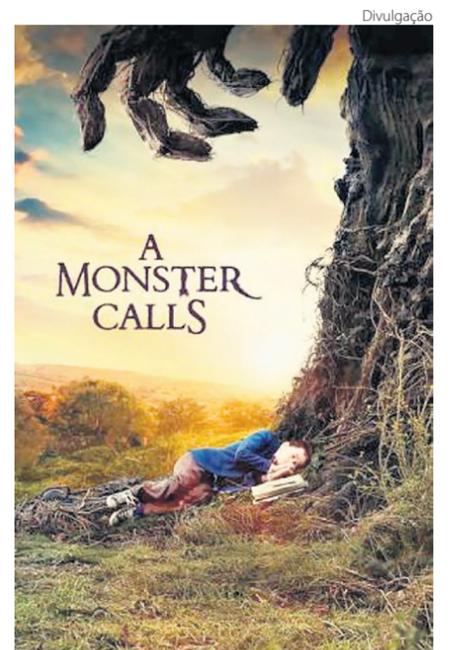
Na origem etimológica, ficção não é apenas “fingimento” ou “irrealidade”. Era algo muito mais profundo e maravilhoso. *Fictum* é o participio passado de *fingere*, que pode sim ser traduzido como “fingir”, mas também era a obra dos oleiros, daqueles artesãos que com suas mãos e seus dedos (em inglês ainda se conserva o termo *finger/ dedo*) criavam e moldavam, a partir do barro, vasos, jarras e ânforas... A ficção molda nossa alma, dá contornos humanos ao nosso caráter, desenha em nosso íntimo a nossa verdade mais íntima.

E foi isso que o Monstro fez na pequena e dolorida alma de Conor. A lição que cada um desses contos carrega é surpreendente, não só para Conor, mas para qualquer espectador. A vida não é justa, as coisas se

passam de um jeito que quase nunca é o que nós queremos ou esperamos, a dor e o sentimento de impotência parece que estão enraizados na estrutura da vida. E, mesmo assim, como diria São Paulo nas suas Cartas, o amor tudo pode, tudo suporta. O amor não acaba nunca.

A origem do filme encontra-se numa autora irlandesa, Siobhan Dowd, que se especializou em literatura para crianças e que foi surpreendida abruptamente pelo câncer em 2005. Antes de morrer, aos 47 anos, em 2007, deixou rascunhadas as ideias centrais do livro. Sua Editora pediu a Patrick Ness que desse vida àquele esboço, que foi publicado em 2011. O filme, de 2016, foi realizado pelo espanhol Juan Antonio Bayona, conhecido por *O impossível*, sobre o grande tsunami na Indonésia.

Um belo filme de dor, sofrimento e amor. Uma história contada em forma de quatro contos, os três da árvore e o final de Conor, que nos desvelam que, como diria Fernando Pessoa, “a vida é terra, viver é lodo”, mas é desse lodo que Deus fez o homem e o homem molda e dá forma à sua alma.



SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE (*A Monster Calls*)

Direção: Juan Antonio Bayona
Roteiro: Patrick Ness, Jaume Martí
Elenco: Lewis MacDougall, Felicity Jones, Sigourney Weaver, Liam Neeson
Disponível: Amazon Prime Video, HBO Max

* Professor de História da América da UNIFESP

A morte na percepção do velho Simeão*

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

*Deixai agora vosso servo
ir em paz,
Conforme prometeste,
ó Senhor;
Pois os meus olhos já viram
vossa salvação,
Que preparastes perante
a face de todos os povos.
Luz para iluminar as nações,
E para a glória de vosso
povo, Israel.*

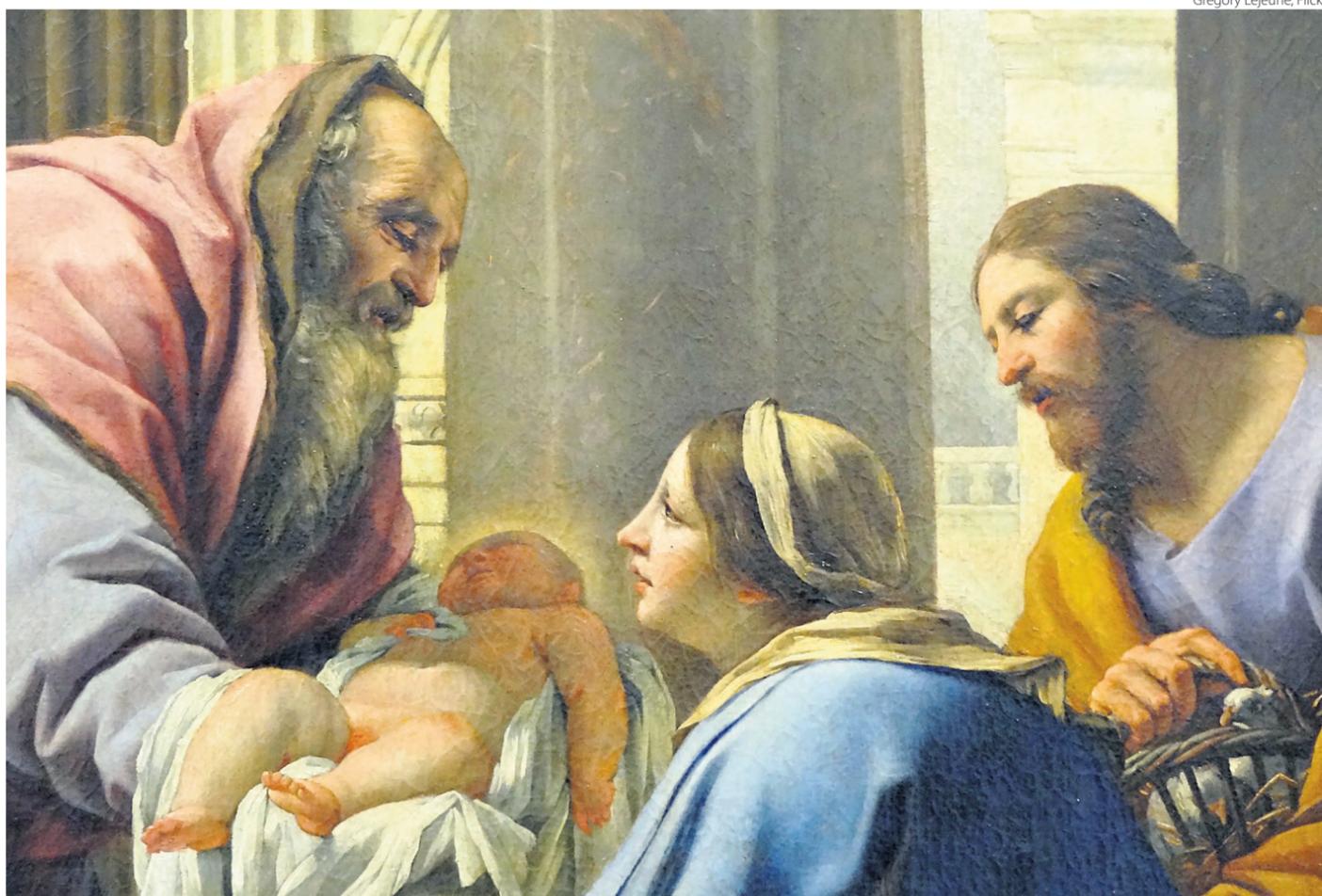
(Cântico de Simeão, Lc 2, 29-32)

A tradição católica oferece diariamente ao cristão um momento para que compreenda e se prepare para a morte. Trata-se da Oração das Completas, com a qual encerra seu dia, na qual ouvimos o Cântico de Simeão – aquele que, conta o Evangelho, não morreria enquanto não contemplasse o Messias. Já idoso, vive na expectativa de um acontecimento maravilhoso e improvável. Diante do pequeno Jesus, reconhece a realização da promessa. Agora, ele é aquele que viu a plenitude da promessa que Deus realizou para toda a humanidade, e de forma especial para ele, Simeão. Ciente deste fato, declara-se pronto para a morte: “Deixai, agora, vosso servo ir em paz, conforme prometestes, ó Senhor. Pois meus olhos viram a vossa salvação” (Lc 2, 29-30).

Todos os dias, ao repetir o Cântico, cada fiel, à semelhança de Simeão, é chamado a declarar-se pronto para a morte. Não por resignação ou por uma sabedoria estoica, mas, sim porque “viu acontecer” a promessa que lhe foi feita. A esperança no futuro e na eternidade acontece pelo reconhecimento de algo que já ocorre no presente, de uma história que se desenrola diante de nossos olhos. A morte, sob esse olhar, é o momento culminante para aquele que já descobriu o encanto e a beleza da vida, que testemunhou o cumprimento da promessa de Deus para com ele.

A cultura atual faz com que necessitemos sempre de “algo mais”, que vivamos na ânsia por algo que ainda não está dado – e a morte é o triste fim que encerra uma luta em que a vitória é impossível. A promessa que se renova nas Completas é a da realização plena de algo que já foi encontrado neste mundo – ainda que de forma imperfeita.

As duas experiências, de sempre procurar “algo mais” ou de saber que já se encontrou “algo que realmente tem valor”, se misturam na vida cotidiana de todo cristão, mas uma delas terá que ser determinante. Ou ele está orientado por um “ter mais”, por um “ser mais”, aut centrado, mesmo que compartilhado por amigos, amantes ou companheiros de lutas, ou está orientado pela ação amorosa de Deus, pelo mistério de Cristo,



Simon Vouet. Apresentação de Jesus no Templo, Museu do Louvre

que domina todas as relações e redefine o próprio “ter mais” ou “ser mais”.

O Cristianismo e a morte: fato ou ilusão? Comentando o Cristianismo, o filósofo francês Luc Ferry, dirá: “É bonito demais para ser verdade. É de tal forma o que queremos ouvir que só pode ser mentira. Não queremos morrer, queremos reencontrar as pessoas que amamos... e, como que por milagre, há um sujeito que chega e nos promete tudo isso” (*A tentação do cristianismo: da seita à civilização*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2011).

No passado, essa conformidade entre a proposta cristã e o anseio de vida eterna podia ser vista como uma evidência da verdade do Cristianismo e da existência do Deus cristão. Santo Agostinho interpretaria essa questão a partir da famosa frase logo no início de suas *Confissões* (São Paulo: Abril Cultural, 1984): “Criaste-nos para vós, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Vós”.

Ao longo dos séculos, contudo, aconteceu uma virada gnosiológica que afetou diretamente a recepção do Cristianismo. Hoje, a conformidade entre o desejo e a promessa é interpretada como sinal não do amor do Criador para com sua criatura e sim do caráter ilusório da fé cristã.

A experiência sempre necessária. Uma crença se afirma quando corresponde a ideias capazes de explicar e dar esperança às vivências daquele que crê. Uma ideia que não tenha suporte experiencial não se sustenta como crível. A fé cristã não é uma ideia abstrata, mas um complexo de ideias e vivências, de experiências nascidas de um acontecimento, o encontro com Cristo.

A crise da fé, quer em termos pessoais, quer em termos sociais, acontece quando suas proposições não são mais sustentadas pela experiência vivida pelo fiel e passam, por isso, a ser transmitidas de forma adulterada, mesmo que formalmente o conteúdo seja mantido.

A fé se baseia em testemunhos e evidências, pois o testemunho precisa de um conjunto de evidências para se apresentar como plausível. Trata-se, de certa

forma, da experiência dos samaritanos que dizem à sua conterrânea: “Já não é por causa da tua declaração que cremos, mas nós mesmos ouvimos e sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4, 41).

A crença dos samaritanos implicou o testemunho da samaritana, mas também o engajamento de sua liberdade e de sua racionalidade em uma vivência que poderia corroborar ou não aquele testemunho. Mas a racionalidade moderna está fechada em si mesma, não permite nenhuma experiência que possa transcender seus próprios pressupostos.

Não eliminar, mas superar a dor e o sofrimento. A fé cristã se baseia na possibilidade de um imprevisto, pois – de fato – a ideia de que o conteúdo de nossos desejos mais profundos, como o de superação da dor da morte, pode se realizar, contradiz nossa experiência cotidiana, sempre marcada por maiores ou menores frustrações. A evidência mais radical de que não se trata de uma ilusão é a experiência da superação do sofrimento. Não de sua eliminação, pois Cristo repete várias vezes que seus seguidores enfrentarão o sofrimento e a perseguição, mas de sua superação por meio do amor e do abraço do Pai (cf. Mc 10, 26-30).

Trata-se de uma ação “misteriosa”, não obrigatoriamente ilógica ou desligada das leis naturais, mas determinada por uma intenção que só se torna conhecida e compreensível ao se realizar. Por isso, essa experiência não pode ser feita por quem não está aberto a essa ação, aparecendo como ilusão ditada pela esperança irracional.

Nenhuma solução para o mistério da morte se mostrou mais adequada ao coração do ser humano que o Anúncio cristão. Mas ele só se torna crível a partir da evidência de uma companhia que age na vida de cada fiel, uma companhia *a priori* impensável segundo a lógica humana, mas que se torna compreensível, e até mesmo lógica, *a posteriori*.

* Trecho extraído de “La percezione cristiana della morte nella società secolarizzata” [in] *Communio. Rivista Internazionale di Teologia e Cultura*, Nº 232, 2012.

** Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP.